

A religião na mídia laica: os cadernos especiais “Ano 2000, busca pela fé” e “Religião”, da Folha de S. Paulo ¹

Religion at Folha de São Paulo: the special issues “2000, search for faith” and “Religion”

**PEIXOTO, Maria Cristina L
NOLASCO, Karine M.
TAVARES, Flavia C. A.
LAMOUNIER, Rodrigo
GUERREIRO, Elisabeth das M.**

Resumo

Este artigo buscou observar como a mídia contribui para a configuração religiosa atual e resultou da análise de cadernos especiais sobre religião, publicados pela Folha de S. Paulo, jornal brasileiro de maior circulação nacional, para pensar nas conexões entre religião e mídia na sociedade contemporânea e no modo como as religiões são interpretadas e transmitidas por uma grande organização de mídia.

Palavras-chave: Mídia; Religião; Folha de S. Paulo

Abstract

This paper has as general theme to observe as the media contributes to the religious configuration at the present time. It resulted of the analysis of special issues about religion, published by Folha de S. Paulo, Brazilian newspaper of larger national circulation, to think about the connections between religion and media in the contemporary society and the way as religions are interpreted and transmitted by a great media organization.

Key words: Media; Religion; Folha de S. Paulo

¹ Este artigo é resultante da pesquisa de Iniciação Científica realizada no ano de 2007 no Uni-BH, vinculada ao Departamento de Ciências da Comunicação (DCC). O grupo foi coordenado pela professora Maria Cristina Leite Peixoto e composto por alunos bolsistas e voluntários. O projeto foi apoiado pela FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, com a concessão de uma bolsa. ***e-com, Belo Horizonte, v.2, n.2, nov 2008***

Os meios de comunicação social modernos, que compõem o conjunto comumente designado como mídia, fazem-se cada vez mais presentes na organização das interações sociais contemporâneas, seja de indivíduos ou instituições, promovendo a divulgação de idéias e a defesa de pontos de vista. Dentre os vários conteúdos divulgados por esses meios, está a religião, referência ainda importante para a orientação dos indivíduos. No mundo atual, entretanto, ela não desempenha mais o papel principal de ordenadora do mundo, como em tempos passados.

Nas chamadas sociedades “pós-tradicionais”, aquelas nas quais a tradição é dissolvida e reconstituída ao mesmo tempo (cf. BECK *et al.*, 1997), as tradições religiosas, mesmo mantendo-se como um conjunto de referências que ainda afeta os padrões interativos, ficaram expostas à discussão pública e à crítica, sofrendo não só perdas quantitativas, mas também mudanças qualitativas. Isso acontece, por exemplo, com o catolicismo brasileiro, que se vê diante da crescente deserção de fiéis, da queda nos serviços vocacionais, conflitos de ordem moral e teológica ligados à participação pastoral e litúrgica dos leigos, à moral sexual, à centralização da autoridade, além de ter que concorrer com outras agências religiosas. Assim, tanto do ponto de vista institucional quanto da perspectiva dos fiéis,

há uma contínua triagem de teorias, conceitos e achados especializados em relação à população leiga. [...] Os hábitos e as expectativas tendem a ser reformados em termos da triagem profunda da informação de uma maneira mais ou menos automática. (GIDDENS, *in* BECK *et al.*, 1997:173)

O fato é que, nesse processo, a mídia ocupa lugar de destaque. Como elemento mediador de informações e referências, ela oferece, de maneira transversal e privilegiada, meios para que os indivíduos, ao interagirem, reflitam sobre a validade de suas ações e pontos de vista, gerando muitas possibilidades de conduta. A mídia atual, como esfera pública, significa “uma rede adequada para comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela, os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos” (HABERMAS, 1997:92).

Essa visão ampliada do espaço público tem norteado análises da sociedade contemporânea (cf. AVRITZER, 2000). O espaço público se construiria não apenas no domínio institucional e de grupos organizados, mas também em diferentes espaços do “mundo da vida”. Sendo mediado em grande parte pelas tecnologias da comunicação, que permitem interações independentes da presença física dos interlocutores, faz com que a reflexividade individual e institucional de seus participantes seja potencializada. Com a globalização da mídia e a expansão das novas tecnologias de comunicação e de informática, as pessoas se comunicam cada vez mais em redes de escala planetária. Pensar a mídia como dimensão importantíssima da “ação comunicativa”² na sociedade contemporânea não implica otimismo demais, no que diz respeito às possibilidades de alcançar um acordo mútuo pelo uso da razão. Porém, obriga-nos a atentar para o fato de que as formas simbólicas midiáticas estão, ao menos potencialmente, sujeitas a críticas e são capazes de dar origem, num plano reflexivo, a novas formas de argumentação a serem desenvolvidas numa tradição cultural e, quem sabe, incorporadas em instituições culturais específicas, como no caso das religiões e das igrejas.

Uma atitude reflexiva diante da tradição religiosa, no sentido de um exame da verdade dos seus enunciados, fez com que esses deixassem de ser valor absoluto e se transformassem em valor temporariamente válido (cf. HABERMAS, 1992). O questionamento quanto à validade de argumentos na esfera pública adquiriu nova dimensão com a presença diária da mídia e contribuiu para que as concepções religiosas tradicionais do mundo perdessem sua força totalizadora. Assim, a assimilação de vários saberes midiáticos vai-se tornando rotina, e as convicções dos indivíduos devem cada vez menos sua autoridade à “força fascinante do sagrado religioso”, e cada vez mais a um consenso não simplesmente reproduzido, mas alcançado. As funções de reprodução cultural, de integração social e de socialização passam a ser atribuições também de outras esferas. Nesse processo, a própria

² Em referência à “Teoria da ação comunicativa”, de J. Habermas. Em espanhol: HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa, II*. Madri: Taurus Humanidades, 1992.

comunidade religiosa poderia se converter numa comunidade de comunicação que pressupõe não somente reiteração, mas também renovação ou mesmo ruptura com a tradição. À medida que “a prática comunicativa cotidiana adquire peso próprio, as imagens do mundo passam a ter a necessidade de assimilar o saber profano que penetra nelas, cuja influência são cada vez menos capazes de regular [...]” (HABERMAS, 1992:127).

Desse modo, uma tradição religiosa hoje se mantém como um conjunto de recursos adaptáveis e flexíveis, obrigada a existir num mundo globalizado e cosmopolita, no qual a diversidade cultural e dos estilos de vida é notável. Com o auxílio dos meios de comunicação de massa, as tradições são colocadas como *alternativas* de conhecimento, moralidade e de referências para tomada de decisões. As religiões ficam, assim, sujeitas a processos mais reflexivos, os quais contam com a ajuda fundamental dos meios de comunicação, cujos conteúdos fazem-se cada vez mais presentes na organização das interações sociais contemporâneas, seja de indivíduos ou instituições, promovendo a divulgação de idéias e a defesa de pontos de vista.

As instituições religiosas se tornaram conscientes da importância desses meios e o uso dos meios técnicos de comunicação para fins religiosos não é propriamente uma novidade. Na história da Igreja Católica, por exemplo, as técnicas de informação e comunicação foram historicamente acolhidas e apropriadas, a serviço da apologética católica (cf. LAGRÉE, 2002). Essa igreja contribuiu para o desenvolvimento dos processos industriais de comunicação, sobretudo para lutar contra o protestantismo e em prol da manutenção da tradição católica. O desenvolvimento de competência técnica em comunicação fez com que textos e imagens da iconografia católica fossem reproduzidos em grande escala, o que desempenhou um papel relevante na formatação do imaginário católico, na virada dos séculos XIX e XX.

A novidade na utilização desses recursos está no fato de que a pretensão de que os conteúdos religiosos emitidos tenham a mesma validade para a sociedade como um todo não se sustenta mais. Agora, eles têm de concorrer com outros conteúdos

simbólicos divulgados pela mídia, integrando um “cardápio” de referências variadas. Por isso, coloca-se cada vez mais para a Igreja a necessidade de reflexão sobre questões ligadas não somente ao uso desses meios, mas à cultura midiática vigente, que altera comportamentos, visões de mundo e modos de lidar com a tradição religiosa.

Contudo, somente com o Concílio Vaticano II (1962-1965), uma posição oficial sobre o uso dos meios de comunicação pela Igreja defendeu o direito e a obrigação de empregá-los para a evangelização.

A evolução do relacionamento da Igreja com a comunicação social, desde o surgimento da imprensa, constituiu-se por fases que passaram pelo confronto aberto e pelo exercício da censura e repressão oficializadas; pela aceitação comedida dos novos meios, utilizados para a emissão das mensagens religiosas, sem abandonar a vigilância sobre a imprensa; pela conscientização da necessidade de adaptar-se ao mundo moderno, sobretudo a partir das orientações do Concílio Vaticano II, voltadas para a necessidade de evangelização por esses meios. A criação das Comunidades Eclesiais de Base, na América Latina, avançou no sentido da apropriação dos meios de comunicação pelas comunidades; mais recentemente, a revisão crítica das relações eclesiais com a comunicação social tem chamado a atenção para o uso acrítico dos meios, passível de resultar em puro “marketing evangélico”³, e para a necessidade de se pensar sobre a emergência de uma “cultura midiática”. Em documento elaborado pelo Pontifício Conselho para as Comunicações⁴, o posicionamento institucional católico diante da mídia é explicitado:

Há três décadas, a Instrução Pastoral *Communio et progressio* frisou que “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”. O Papa Paulo VI, por sua vez, afirmou que a Igreja “viria a sentir-se culpada diante do seu Senhor”, se não lançasse mão destes instrumentos de evangelização. O Papa João Paulo II definiu os *mass*

³ Cf. a Encíclica *Redemptoris missio* (1990) e Puntel (2005).

⁴ Disponível em <<http://www.vatican.va>>, acessado em 25/04/2005.

media como “o primeiro areópago⁵ dos tempos modernos”, declarando que “não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações”. Realizar isto é ainda mais importante nos dias de hoje, não apenas porque os meios de comunicação atuais influenciam fortemente sobre aquilo que as pessoas pensam acerca da vida mas também porque, em grande medida, “a experiência humana como tal se tornou uma experiência vivida através dos *mass media*”. [...]

A um nível muito profundo, às vezes o mundo dos *mass media* pode parecer indiferente e até mesmo hostil à fé e à moral cristãs. É assim, em parte porque a cultura dos meios de comunicação está imbuída de maneira tão profunda de um sentido tipicamente pós-moderno, que a única verdade absoluta é a aquela segundo a qual não existem verdades absolutas ou que, se elas existissem, seriam inacessíveis à razão humana e, portanto, se tornariam irrelevantes.

No trecho do documento citado, a Igreja mostra-se consciente da forte influência e da ambivalência própria aos meios de comunicação modernos, já que serviram e servem ainda para evangelização e catequese, mas, ao mesmo tempo, criam novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica (grifo nosso). Por isso, a avaliação conclusiva é que, em geral, a cultura dos meios de comunicação é dificultadora da manutenção de uma tradição baseada em verdades absolutas e estimuladora de descontinuidades entre a tradição religiosa e as modernas visões de mundo.

Ao constituir-se como fator fundamental na configuração da sociedade moderna e ganhar cada vez mais importância, a presença da mídia adquiriu um caráter transversal em todas as dimensões da vida social contemporânea. Assim, a religião não consegue passar ao largo desse tipo de comunicação, sendo incorporada fortemente pelas instituições religiosas, com destaque para os evangélicos. Thompson (1998) discute os impactos das relações modernas entre mídia e tradição. Para o autor, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a tradição foi fundamentalmente transformada, na medida em que se tornou dependente desses meios para ser mantida. As possibilidades de fixação de conteúdos simbólicos em um substrato material, características das formas de comunicação mediadas, dispensam relativamente a necessidade de reconstituição prática e contínua dos valores e crenças tradicionais, cuja continuidade está cada

⁵ Tribunal ateniense, assembleia de magistrados, sábios, literatos. (Cf. *Dicionário Aurélio*, 1986).

vez mais subordinada aos veículos da mídia. Livros, vídeos e CD's tornam-se os meios de garantir a continuidade dessas manifestações.

Para Thompson, essa dependência das formas mediadas de comunicação tende a aumentar a despersonalização da tradição. As autoridades que a representam vão, gradualmente, distanciando-se dos indivíduos nos contextos práticos da vida cotidiana, apesar das tentativas de “re-personalização” dessas autoridades pelos meios eletrônicos, a televisão, sobretudo, de modo a criar elos renovados com seus seguidores. Esse elo se sustenta cada vez mais dentro da estrutura de interação estabelecida pelos meios de comunicação de massa, na qual o distanciamento físico é uma constante e a transmissão de conteúdos simbólicos é predominantemente monológica, limitando a participação do receptor.

A crescente utilização dos meios de comunicação amplia o alcance espacial das tradições, fazendo com que elas se desliguem de suas raízes locais e não estejam limitadas às condições de transmissão localizada. Ultrapassar os limites da interação face a face implica uma remodelagem dos conteúdos tradicionais, para que possam ser implantados em vários lugares. Nesse processo, as tradições são reinventadas, seus conteúdos simbólicos originais são alterados e adaptados a novos tempos e lugares.

Por outro lado, os conteúdos religiosos são também incorporados pelos meios de comunicação leigos que noticiam mudanças mais recentes ocorridas nesse campo, divulgam novas crenças e experiências diversificadas, questionam preceitos religiosos e os expõe ao debate público, com impactos visíveis, sobretudo, em suas expressões mais tradicionais. Servindo de referência fundamental na orientação das condutas dos indivíduos e grupos contemporâneos, dificulta a manutenção de uma tradição não submetida à crítica, na medida da divulgação de conteúdos nem sempre condizentes com valores religiosos e da abertura, em princípio, ao debate dos mais variados assuntos, publicando opiniões divergentes e novas perspectivas.

Há que se acrescentar aqui que juntamente com temas religiosos outros assuntos disputam espaço na mídia. Essa presença concomitante de temas não hierarquizados promove potencialmente a possibilidade de confronto de idéias e referências distintas pelo público, dando-lhe a possibilidade de escolha daquilo que mais lhe convém e oferecendo-lhe elementos para reflexão sobre suas crenças e opções. O jornalismo, especificamente, determina quais os acontecimentos têm direito à existência pública e podem entrar na agenda de preocupações públicas. A partir disso, ajuda a definir o significado dos acontecimentos selecionados, oferecendo interpretações que podem auxiliar no seu entendimento. Além de criar possibilidades de encontro para produção de sentidos, abre espaço para que esses sentidos sejam checados, discutidos e alterados.

As matérias analisadas neste artigo, publicadas em dois cadernos especiais da Folha de S. Paulo, constituem-se numa referência importante para pensar sobre como a mídia atua para a manutenção ou questionamento da mensagem religiosa. Os cadernos foram publicados em 26 de dezembro de 1999, em função da passagem do milênio, e em 06 de maio de 2007, devido à visita do papa Bento XVI ao Brasil, intitulados, respectivamente, “Ano 2000, busca pela fé” e “Religião”. Na qualidade de cadernos especiais do jornal nacional de maior tiragem, ressaltaram a importância do tema *religião* na sociedade contemporânea, mantendo o assunto em pauta e atualizando as pessoas sobre acontecimentos a ele relacionados, auxiliando-as na construção de sua visão sobre os mesmos, no direcionamento de sua conduta e interferindo, igualmente, na postura institucional das igrejas.

Nessa passagem pela mídia, as conseqüências para a religião podem ser imprevistas, na medida em que a visibilidade de versões diversas, diferentes daquela defendida pelas igrejas, é potencialmente desestabilizadora das propostas religiosas originais, dependendo das maneiras como são interpretadas e articuladas pelo público.

Tal processo de reflexividade é fundamental na dinâmica social contemporânea. As opiniões e conflitos existentes aparecem no cenário midiático e retornam à sociedade, onde são eventualmente reelaborados e ressurgem na mídia, assim sucessivamente. A mídia apresenta-se, portanto, como um espaço dinâmico, que oferece e discute temas, apresenta atores e argumentos próprios a uma dada época, tornando-se imprescindível para auxiliar na ordenação da complexa e fragmentada sociedade atual. As igrejas têm de levar isso em conta e os modelos por elas propostos têm de concorrer com outros divulgados pela mídia. Os cadernos especiais aqui considerados oferecem uma boa oportunidade para a reflexão sobre o tratamento jornalístico dado ao tema *religião* e sobre os seus possíveis desdobramentos sociais.

A religião na Folha de S. Paulo: o Caderno Especial Ano 2000: busca pela fé

Publicado em 26 de dezembro de 1999, devido à passagem do milênio, as matérias desse caderno trataram basicamente da diversidade religiosa atual e da mobilidade dos fiéis, corroborando a importância de dois aspectos próprios da religião contemporânea, conforme ressaltada pelos autores aqui utilizados. Diante dos novos modos de vida e das inúmeras influências recebidas pelas pessoas, as matérias mostram como a religião, principalmente em suas formas mais tradicionais, se vê obrigada a posicionar-se no mundo moderno, seja tentando adaptar-se a ele, seja reafirmando valores tradicionais, de modo a resguardar seus princípios e sua identidade ou mesmo buscando mesclar as duas coisas. Esta última opção, que parece a mais freqüente para as religiões tradicionais, remete-nos à observação de Giddens (1997) que, numa referência a Edward Shils, lembra que a tradição está sempre mudando, porém, há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência. “Se é tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade ou continuidade que resiste ao contratempo da mudança”.

As matérias estão distribuídas em subtemas intitulados respectivamente: Crença Globalizada, Marketing Religioso, Fé e Tecnologia, Caminhos do Fiel, Sincretismo

Brasileiro, Efervescência Religiosa, Histórias de Fé, Força Neopentecostal, Movimento Carismático, Novas Cruzadas, Dogmas em Discussão, Expansão Muçulmana e Nova Era.

O texto intitulado “Geopolítica da fé”, do jornalista e sociólogo Ignácio Ramonet, mostra que a globalização e as mudanças demográficas alteram a distribuição espacial das religiões no mundo e a expansão de novas crenças. Se a globalização promove certa homogeneização das sociedades, ela produz também tentativas de retorno às identidades locais no terceiro mundo e proporciona a expansão da magia e do esoterismo em países desenvolvidos. Novas religiões surgem no ocidente e seus habitantes recorrem a formas pré-tradicionais de pensamento, na busca espiritual pelo sentido da vida. Mesmo cientes de que crenças são incompatíveis com o espírito científico, muitos cidadãos, intimidados pelos riscos dos novos tempos, aderem a elas. “É como se em pleno movimento lento das mentalidades, entre o terreno conquistado pela racionalidade técnica e aquele perdido pelas religiões, tivesse sobrado uma terra de ninguém que está sendo ocupada por novas crenças ou formas de religiosidade arcaicas”, diz Ramonet.

Na matéria “Mágica e diversão no palco da fé”, o repórter Fernando de Barros e Silva mostra que os maiores eventos de massa do país estão ligados à religião. Nem mesmo, segundo ele, um show de rock ou uma partida final de campeonato de futebol consegue concentrar tantas pessoas nos estádios. Para ele, a concentração de fiéis em eventos cada vez maiores que mesclam entretenimento com experiência mística é fruto de transformações no campo da religião.

Silva ressalta que, para essas transformações, particularmente no Brasil, não existem conclusões taxativas. No entanto, ele aponta para a conjunção de três fatores que podem ter contribuído para o que chamou de “reencantamento brasileiro”. Primeiro, o declínio do catolicismo tradicional que “embora ainda seja majoritário e hegemônico, vem perdendo espaço há algumas décadas devido ao anacronismo de seus dogmas e ao ritmo por assim dizer paquidérmico com que a Igreja vem respondendo às mudanças comportamentais de um mundo que passa

por muitas transformações”. O segundo fenômeno apontado pelo repórter é resultante de uma modernização excludente, na qual a religião passou a ser uma alternativa de reconhecimento social e afirmação identitária. E o terceiro seria a insuficiência da ciência na explicação e solução dos problemas existenciais.

Para o repórter, esses fatores criaram um campo fértil para a proliferação de novas formas de religião e crenças, empenhadas em atrair e manter adeptos em massa. Destacam-se a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), do bispo Edir Macedo, dono da Record, e a neocatólica Renovação Carismática Católica (RCC), cujo principal representante é o padre Marcelo Rossi.

O que marca essas novas correntes religiosas, segundo o autor da matéria, é o aspecto empresarial da forma como são administradas. Com apuradas estratégias de marketing, proselitismo e, paradoxalmente, rituais repletos de transe coletivo, magia, revelações, possibilidade de cura de doenças e resolução de problemas financeiros, elas brigam pelos fiéis. Isso as torna modernas e desmodernizantes a um só tempo, uma espécie de “pronto-socorro das almas”, meio de afirmação da identidade e de ascensão social.

Na primeira retransmissão da reportagem, Silva propõe uma discussão sobre o perfil dessas religiões. Para o repórter, tanto a IURD como a RCC têm como principal característica a intervenção divina na vida humana para a resolução de problemas, independentemente de sua raiz. De forma simplificada, em que pesem as diferenças, ambas são “religiosidades de resultados”.

Por fim, Fernando de Barros e Silva inclui uma discussão científica, desenvolvida pelo sociólogo Ricardo Mariano a partir da afirmação de David Martin, também sociólogo, de que o neopentecostalismo na América do Sul representaria uma contribuição ao capitalismo latino. Usando argumentos de Max Weber, Silva lembra a complexidade das relações entre economia e cultura, enfatizadas pelo sociólogo alemão, e observa que o neopentecostalismo local opera em outro registro, comparado à ética puritana do protestantismo: se este último é secularizante e ascético, o primeiro busca o enriquecimento rápido por meios rituais. O repórter

abre o último parágrafo da reportagem concluindo que temos um “problema em aberto”, no que se refere ao impacto dessa nova religiosidade no Brasil.

Já na reportagem “Religião não é mais herança, mas opção”, consta que, para os evangélicos, a mudança de religião acarreta a anulação da crença anterior e um maior compromisso com a nova crença. Para eles a conversão significa uma mudança profunda de vida, uma vez que se vêem como “eleitos”, tendo recebido uma graça que não é para todos. O novo crente é levado a crer que não foi ele quem escolheu a nova crença, mas foi escolhido para recebê-la. Tal convicção conta com a participação ativa dos pastores e convertidos, que se afirmam como portadores de toda a verdade, atraindo mais adeptos, dando a eles a certeza de estarem fazendo a escolha certa. Um exemplo foi o que aconteceu a Henrique, um presidiário, personagem da matéria. Enquanto estava na prisão aprendeu com os pentecostais que o diabo fazia coisas ruins na vida das pessoas (por isso ele estava preso), e que a única maneira de vencê-lo era juntar-se a Deus. E foi o que ele fez. Converteu-se e diz ter sido “curado”. Tornou-se obreiro na prisão e isso, aliado ao seu bom comportamento, proporcionou-lhe a condicional. Hoje ele diz que é uma pessoa do bem, mas que precisa estar de olho nas armadilhas do diabo. Ao sair da cadeia teve a ajuda da Igreja pentecostal para ser aceito pela sociedade e inserido no mercado de trabalho.

Segundo Prandi, uma nova religião pode representar objetivamente muito mais *retrocessos* do que avanços na vida do converso, submetendo-o a crenças que o afastam das fontes de conhecimento universal, embotando sua consciência, fazendo-o aceitar a necessidade da humilhação e espoliação de sua intimidade, sem contar os novos compromissos financeiros que, não raro, é obrigado a assumir, tendo mais perdas que ganhos. Mas, em geral, o converso não se dá conta disso.

A primeira conversão é a mais difícil e dramática, pois acarreta o abandono de velhas crenças e a inclusão numa nova moralidade. Isso se torna dramático porque a pessoa enfrenta o afastamento de amigos e familiares, sem contar as críticas e

oposições. Porém, ao mudar de religião, a pessoa necessariamente não tem de negar ou apagar a crença anterior, podendo agregar os novos princípios de conhecimento aos que ela já possui. No caso dos católicos não existe uma mudança propriamente dita, pois eles vêm nas religiões não exclusivistas, aquelas que admitem a freqüência em mais de uma denominação, uma forma de complementar o que o catolicismo não oferece. A umbanda, o candomblé e o kardecismo são exemplos típicos complementares à fé católica. Seis personagens dão seus depoimentos ilustrativos da intensa mobilidade religiosa atual.

Na matéria “Filho de Oxalá, católico e com fé na reencarnação”, percebe-se o que Aguiar chama de religião “à la carte”. A reportagem conta a história do professor Agenor Miranda, 92 anos, que nasceu em Luanda, na África, e veio para o Brasil com cinco anos de idade. Seu pai era um diplomata e sua mãe uma cantora lírica. “Todas as religiões se transformam. A religião também acompanha a evolução”, afirma Agenor. Porém, mesmo acreditando que a religião acompanha a evolução, ele diz prezar a tradição e não poupa críticas aos formatos assumidos hoje pelas religiões. Ele afirma que no candomblé moderno há muita vaidade, cobra-se pelos serviços e se pratica a matança de animais, que ele condena. Outro ponto negativo no candomblé, citado pelo professor, é o fato de que a aprendizagem é oral. “Cada um vai ensinar como aprendeu e nem sempre o que se aprendeu é o certo”. Para ele, entretanto, o certo é o “candomblé antigo”, numa referência provável aos aspectos mais tradicionais dessa religião, dentre os quais se inclui a oralidade.

A estrutura administrativa do candomblé também é alvo das observações do professor, segundo o qual essa religião não possui força na sociedade justamente por não ter um chefe como, por exemplo, o Papa na Igreja Católica. Filho de Oxalá, Agenor se considerava católico de batismo, acreditava na reencarnação e admirava religiões orientais. Ele é um bom exemplo da moderna mobilidade religiosa, do indivíduo que passa por várias religiões sem maiores conflitos, porém com uma postura crítica, promovendo por conta própria a seleção de “teorias” explicativas, idéias e informações especializadas ou não às quais se referiu Giddens (1997) para caracterizar as relações dos indivíduos modernos com as tradições.

“Fim da União Estado-Igreja ampliou a oferta de religiões” é uma matéria na qual o sociólogo e professor da Universidade de São Paulo, Antônio Flávio Pierucci, busca demonstrar como a quebra do monopólio religioso no Brasil, na primeira República, foi decisiva para a formação da modernidade religiosa local. A nova realidade, interpretada pelo professor, é a de uma época na qual a novidade não é o aumento da demanda religiosa. “Hoje, os trabalhos teóricos mais significativos na área da sociologia da religião são justamente aqueles que enfatizam a mudança no lado da oferta”, afirma Pierucci. O que aconteceu na verdade, com a quebra de um monopólio, foi o fim de uma grande reserva de mercado católica. Com o mercado religioso livre e competitivo e o aumento da concorrência, os resultados são instituições religiosas mais organizadas e mobilizadas na luta por fiéis. Assim, a “necessidade religiosa” seria uma construção resultante do trabalho dos vários agentes da oferta religiosa.

Na diversificação dos produtos ofertados, um fenômeno marcante nesse processo é a concorrência entre magia e religião. “Magia e religião concorrem no mercado religioso com armas e truques diferentes, com poderes distintos e chances desiguais de procura e aceitação dos serviços que oferecem, assim como da atração que exercem”.

Pierucci lembra que as religiões que mais crescem no país são as pentecostais, aquelas que apostaram na oferta de serviços mágicos, em detrimento da moralização da conduta. “As religiões mais bem-sucedidas hoje não pretendem mais impor pautas rigorosas de conduta para regulamentar a vida. Deixaram de moralizar e alegremente passaram a oferecer (...) serviços mágicos. Tudo pode ser resolvido aqui e agora, desde problemas na família, um amor que não deu certo, doenças e até falta de dinheiro”. Menos moralizantes, menos exigentes eticamente, mais mágicas e místicas, essas religiões marcam o Brasil de hoje. Contudo, o autor finaliza seu texto, indagando se “Quem sabe a remagificação das religiões não será o lado bom que sobra quando a divindade ética declina”.

“Os Deuses estão Soltos” é composta por histórias de cinco moradores de São Paulo sobre o modo como lidam com a divindade e o sagrado na “cidade do materialismo”, conforme texto introdutório. Um católico, um muçulmano, um judeu, um espírita e um candomblecista são personagens cujos depoimentos são acompanhados de uma explicação sobre a religião que professam. Na visão do autor da matéria, Armando Antenore, os depoimentos revelam outra cidade, distinta daquela associada às coisas terrenas, ligada ao misticismo. Num mundo repleto de anjos, orixás e santos, os fiéis estabelecem com eles relações pouco ortodoxas que ajudam a enfrentar problemas práticos do cotidiano, mais do que questões espirituais. No entanto, as personagens afirmam a influência da religião na moralidade ao defenderem comportamentos solidários.

Na matéria “Novos crentes valorizam a prosperidade”, as repórteres Patrícia Zorzan e Cláudia Trevisan apontam outro aspecto significativo no cenário religioso atual no Brasil: a expansão evangélica, particularmente neopentecostal⁶, e sua adaptação às necessidades mundanas dos fiéis. A adoção de uma ‘fé de resultados’ fez com que passassem a valorizar a prosperidade material, a serem mais tolerantes em relação às questões comportamentais e a participarem ativamente da política. Ouvido pelas repórteres, o sociólogo Ricardo Mariano demonstra que a velha prática de que “tudo que não fosse família, igreja, trabalho era considerado pecado”, acabou. A partir do momento em que os evangélicos começaram a prosperar financeiramente, ficou mais difícil deixar de usufruir certas coisas proporcionadas pelo dinheiro. Por isso, a mudança teve que ser efetivada em termos de uma reorientação moral relativa à revalorização do dinheiro, do enriquecimento e da aquisição de bens materiais (a chamada Teologia da Prosperidade). Além disso, os neopentecostais passaram a ser mais tolerantes em relação às questões comportamentais, como a indumentária, o fumo, a bebida, o

⁶O neopentecostalismo é uma vertente evangélica que reúne denominações oriundas do pentecostalismo clássico. Tem início nos anos 1970 e se expande nas décadas seguintes do século XX. A Igreja Universal do Reino de Deus é a referência clássica dessa vertente que dá ênfase à batalha espiritual, à cura divina e à crença na prosperidade aqui na Terra, em decorrência da fidelidade ao dízimo e às ofertas para a igreja.

sexo e também começaram a participar ativamente da política, durante muito tempo considerada por eles como “coisa do diabo”.

Mas não só os evangélicos se mostraram criativos em termos religiosos. Na matéria aqui considerada o movimento carismático católico⁷ é apresentado pelo também sociólogo Waldo César como outra novidade em busca de uma forma de espiritualidade maior, vinculada fortemente à emoção. Algumas religiões (Batista, Metodista, Presbiteriana e Luterana) também estariam aderindo a esse movimento com o objetivo de atrair mais fiéis, especialmente os jovens, através de um culto alegre, agradável e participativo.

A reportagem “Igreja confia a leigos a missão de conter seitas” é um exemplo dos reflexos da modernidade nas religiões e das estratégias utilizadas pelas instituições religiosas para se manterem socialmente atrativas. De acordo com a reportagem, para conter os avanços dos grupos evangélicos e a perda de fiéis, a Igreja Católica encontrou nos leigos a principal arma. No ambiente pluralista atual, os vários grupos religiosos se vêem impelidos a defender seus interesses frente à concorrência, a mobilizar não só agentes eclesiásticos, mas também os leigos, a empregar métodos e estratégias mais originais de evangelismo e atração de fiéis e a fazer concessões aos interesses e preferências dos leigos e potenciais adeptos, atraindo-os para a responsabilidade pastoral e compromisso com a Igreja.

A matéria expõe certa mudança na orientação da Igreja quanto aos leigos, em decorrência da necessidade de enfrentamento da concorrência religiosa. Mesmo assim, conforme observou Cornwell (2002), ainda hoje, os leigos⁸ permanecem

⁷ A Renovação Carismática Católica consiste, grosso modo, numa tentativa de revivalismo cristão no catolicismo, marcada, a exemplo dos pentecostais, pela centralidade da Bíblia e de Jesus Cristo, pela manifestação espontânea dos carismas na comunidade e pelas curas e exorcismos. Para maior detalhamento, ver artigo de Edênio Valle, *A Renovação Carismática Católica: algumas observações*, publicado em *USP – Estudos Avançados*, Dossiê Religiões no Brasil, São Paulo, n. 52, p. 63-75, set./dez., 2004.

⁸ A palavra “leigo” se origina do grego *laos* – povo –, que quer dizer o povo escolhido de toda a Igreja. Se, nos primórdios do cristianismo, não havia distinção entre leigos e clérigos, após os seus primeiros duzentos anos se estabelece essa distinção entre eles, e os leigos

e-com, Belo Horizonte, v.2, n.2, nov 2008 16

apartados do catolicismo institucional, e essa distância ocorre também entre sua prática cotidiana e a doutrina oficial, mesmo para aqueles que freqüentam as missas e se auto-intitulam católicos praticantes. Dentro da Igreja, existe uma diversidade considerável de grupos, incluindo clérigos e freiras, que exibem diversas posições diante dos temas que se colocam no mundo contemporâneo, muitas vezes, em rota de colisão com os preceitos oficiais.

Hoje os leigos fortalecem movimentos como a Revolução Carismática, que coloca ardor e emoção no catolicismo, criando uma versão católica do pentecostalismo. Esse último, ao abrir espaço para a participação dos fiéis e para a livre manifestação de seu fervor, atraiu um número considerável de pessoas, em contraposição ao culto “morno” das igrejas católicas. Na matéria em questão, o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira atribuiu o crescimento desses movimentos pentecostais evangélicos à crise dos ritos católicos: “Esse ritualismo de ir à missa, confessar, receber a comunhão e ter a alma salva está em crise mortal”. Porém, há restrições ao movimento carismático que partem da própria Igreja Católica, embora 80% do episcopado apóie a Renovação Carismática, de acordo com os dados apresentados no jornal. As críticas originam-se principalmente da ala progressista da Igreja, que vê no movimento a ausência de preocupação com questões sociais.

O então Arcebispo de São Paulo, D. Cláudio Hummes, entrevistado na matéria, disse acreditar que os grupos como a Renovação Carismática trouxeram para a Igreja uma forma renovada de celebração identificada com o pós-modernismo, marcado pelo irracionalismo, em contraposição ao racionalismo do Iluminismo da era moderna. “Toda a questão de uma celebração que envolve mais o corpo, o coração, o sentimento, é muito pós-moderna. As pessoas não são mais racionalistas e intelectualistas como no Iluminismo”, afirmou Hummes (pág.11).

“Oriente entra na agenda do catolicismo” intitula texto de Claudia Trevisan. De acordo com a repórter, no novo milênio, a agenda da Igreja Católica foi programada

passam a significar os “dependentes incultos da elite clerical dominante”. (CORNWELL, 2002:184).

para trabalhar na disputa por fiéis e na recuperação dos fiéis afastados, além de ter como objetivo propagar-se no oriente. Nessa agenda, a Igreja busca uma postura aberta aos países católicos não ocidentais, e nomeia as estratégias como “nova evangelização”, “ecumenismo” e “inculturação”. A autora ressalta que essas expressões entraram no dicionário da Igreja no Concílio Vaticano II, nos anos de 1960, e marcaram o processo de renovação do catolicismo.

Entre os desafios do catolicismo apresentados pela jornalista, estão a importância da comunicação e do uso de suas ferramentas nessa nova agenda e o diálogo com as religiões “concorrentes”, supostamente bem sucedidas pela informalidade e pelo emocionalismo de suas celebrações, o que atraiu muitos fiéis. Na primeira retranca da matéria, “Ofensiva católica no oriente”, a autora explora as colocações do Papa João Paulo II e de diversos bispos e arcebispos brasileiros, que salientam que, com respeito às culturas locais, e adaptando-se a seus ritos e costumes, o catolicismo poderá ser incorporado por diferentes povos. Diferentemente da imposição religiosa dos tempos passados, o catolicismo propõe uma evangelização mais relativista e tolerante, visando à “inculturar a mensagem de Jesus”, nas palavras do papa. Esse relativismo não se estende, porém, aos costumes dos católicos. Os anticoncepcionais e o sexo fora do casamento continuam a ser condenados de forma absoluta, como mostra a repórter.

“Deus chega via internet” é uma retranca da matéria anterior na qual a preocupação principal do repórter Leonardo Cruz é ilustrar com diversos personagens, a forma como a internet passou a ser utilizada como instrumento de divulgação religiosa, permitindo, por exemplo, que fiéis de diversas partes do mundo, conectados à rede, possam escrever no Muro das Lamentações em Jerusalém ou que um pastor participe de uma sala de bate papo sobre sexo, visando à conversão de pessoas “que mais precisam de ajuda”. No ambiente virtual, o fiel anônimo expressa sua fé com maior liberdade, podendo discordar de sua Igreja, conforme analisa o antropólogo Luiz Jungblut, que desenvolve tese de doutorado sobre o tema.

“Judaísmo busca nova identidade para seu fiel” aponta para a preocupação com o crescimento da população não judia em Israel, bem como a queda da população judaica na diáspora. Os desafios do judaísmo para alterar essa situação referem-se à maior abertura para a conversão e à reaproximação de ramos divergentes do judaísmo. Em suma, assim como outras religiões, trata-se de conquistar e manter fiéis nos tempos atuais. Curiosamente, na matéria, o declínio do anti-semitismo é apontado como responsável, em parte, pela assimilação de costumes não judeus e pelo enfraquecimento do “caráter judaico”.

Texto do professor Paulo Daniel Farah, “Islâmicos tentam conviver com o mundo globalizado” mostra como a cultura Islâmica tem sido exposta a temas polêmicos como a pornografia e jogos de azar, sobretudo pelo acesso aos meios de comunicação de massa. O autor aponta para o fato de que a modernização de Estados islâmicos é acompanhada de preocupações com a manutenção das tradições. O então presidente do Irã Mohamad Khatami defendia o “diálogo entre civilizações”, sem abrir mão dos valores muçulmanos. E a Organização da Conferência Islâmica (OCDI) debatia a criação de uma Agência Internacional de Notícias Islâmicas e de um código ético islâmico para a imprensa escrita, rádio e TV, temendo que informações trouxessem prejuízos à cultura local. O governo saudita, ao procurar exercer o papel de guardião de princípios muçulmanos, buscava adotar programas para bloquear sites considerados ofensivos ao islamismo. A internet, “faca de dois gumes” do ponto de vista dos defensores da tradição religiosa, é apontada como um perigo iminente.

A reportagem faz ainda referência a Naguib Mahfuz, prêmio Nobel de Literatura de 1988⁹, que descreve a ambigüidade moderna na figura do muçulmano na metrópole: “ele compreende que, nessa nova sociedade, foi submetido a um

⁹ Entre suas obras mais conhecidas estão: “Trilogia do Cairo” “O Beco do Pilão”, “Entre Dois Palácios”, “Miramar”, “A Batalha de Tebas”, “Noites das Mil e Uma Noites”, “O Jogo do Destino”, “Akhenaton - O Rei Herege” e “Festas de Casamento”. Em 1994, Mahfuz foi esfaqueado no pescoço por um fundamentalista islâmico quando saía da sua casa no Cairo. A ação foi inspirada nas declarações de líderes extremistas, segundo as quais os livros de Mahfouz constituíam blasfêmia. O atentado causou graves danos à visão e à audição do escritor, assim como a paralisia do seu braço direito (cf. <http://educacao.uol.com.br/biografias>, acessado em novembro de 2007)

desdobramento de sua personalidade: metade de seu ser é crente, reza, jejua e faz peregrinação; a outra metade acirra seu valor de nulidade nos bancos, diante de tribunais e nas ruas, nos cinemas e nos teatros, ou mesmo em casa, entre os seus, diante da televisão”.

Também tratando do islamismo, na reportagem “Islã rompe fronteiras com o mundo árabe”, consta que o islamismo ultrapassou os limites locais. Os países de maior presença islâmica, Indonésia, Paquistão e Bangladesh, não são árabes. O islamismo é a religião que mais cresce no mundo e em países como EUA e França. Nos EUA, o Pentágono já permite aos soldados algumas regalias em concordância com os preceitos muçulmanos. Assim, provavelmente, isso acarreta mudanças tanto nos conteúdos religiosos islâmicos, adaptados aos novos contextos, quanto nas maneiras de lidar com seus adeptos e crenças por parte dos países hospedeiros.

A reportagem “A religião do indivíduo”, do repórter Thales de Menezes, explora o movimento alternativo que liga o homem à natureza como forma de desenvolvimento espiritual, conhecido como Nova Era. Esse movimento, segundo Menezes, teve origem nas comunidades hippies americanas e nos grupos britânicos de discussão religiosa, da chamada “Igreja da nova luz”, ambos dos anos de 1960. No entanto, o termo Nova Era, como ficou conhecido o movimento, ganhou força nos anos de 1980.

A Nova Era passou a ser reconhecida como o caminho pelo qual o indivíduo poderia construir sua espiritualidade através de suas próprias experiências e conhecimento. Esse indivíduo teria a liberdade de experimentar doutrinas esotéricas, ritos tribais, filosofias orientais, objetos energizados, aplicando esses conhecimentos em sua vida cotidiana. “Abrir a mente” e crer que “toda experiência vale a pena” foram as máximas que orientaram seus adeptos.

No entanto, a matéria apresenta argumentos que questionam o movimento na atualidade, no sentido de que se teria enfraquecido na sua essência, sobretudo pela

sua mercantilização e associação aos artigos materiais. “Hoje é tudo diluição”, diz Dagoberto Nunes, estudioso e praticante de ioga. “Ninguém vai atrás de sua própria viagem. Ficam comprando pirâmide”.

A título ilustrativo, o autor da matéria apresenta relações da Nova Era com diversas linguagens, manifestações artísticas e produtos da indústria cultural. Como exemplo, o autor cita as obras de Paulo Coelho, o filme “Amor além da Vida”, estrelado por Robin Williams e as músicas de Enya.

A religião na Folha de S. Paulo: o Caderno Especial “Religião”

Publicado em 06 de maio de 2007, às vésperas da chegada do papa Bento XVI ao Brasil, o caderno baseia-se em pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha sobre o cenário religioso do maior país católico do mundo, dez anos após a visita de João Paulo II ao país. A fé dos brasileiros, crentes em Deus em sua maioria absoluta, segundo dados da pesquisa, o impacto das novas religiões na vida dos fiéis, os estereótipos acerca das diferentes religiões e o declínio do catolicismo no Brasil foram os temas centrais da publicação.

Na matéria “As igrejas do Brasil: país altera mapa da fé, mas não sua religiosidade”, de Rafael Cariello, há a exposição de dados estatísticos sobre a religiosidade no país. Com fontes distintas como Datafolha, IBGE, acadêmicos e religiosos, a matéria constrói uma narrativa analítica em torno dos dados pesquisados sobre a religião no país. O que está acontecendo, segundo a matéria, é a diminuição da perda de fiéis por parte do catolicismo, comparando-se aos anos de 1980. A religiosidade do povo brasileiro, resultante da sua formação sócio-histórica, seria responsável pela permanência dos altos índices de participação religiosa no país. Essa participação, mantida pelos católicos, apesar do declínio dos últimos tempos, pode ser entendida, segundo D. Geraldo Majella, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, como uma resposta dos católicos ao avanço protestante.

“Evangélicos avançam na periferia das metrópoles” é uma matéria que não identifica a autoria. Sua construção também é feita a partir de dados estatísticos do Datafolha, ilustrados com depoimentos de acadêmicos e pesquisadores tais como Edlaine de Campos Gomes, da UFRJ, Ronaldo de Almeida, da Unicamp e do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), além do depoimento de evangélicos. Sobre os evangélicos, Ronaldo de Almeida observa que “Ao parar de beber, fumar, já há um regramento do orçamento”, direcionado a outras necessidades. Depoimentos de evangélicos confirmam que a fé é a solução de todos os problemas. A matéria acaba por entender que o desenvolvimento pentecostal no Brasil tem sua maior concentração nas periferias das grandes metrópoles e que o fenômeno está relacionado de modo inversamente proporcional às condições sociais das periferias, conforme afirma o professor da UFJF Marcelo Camurça.

A reportagem “Periferia do Rio exhibe avanço de evangélicos”, de Luiz Fernando Viana, também fala sobre a mudança das religiões no mundo moderno. De acordo com a matéria, na baixada Fluminense, num percurso de apenas quatro quilômetros, foram contadas 30 igrejas sendo que somente uma era católica. Excetuando-se a capital, os evangélicos pentecostais e não pentecostais somam 37% dos moradores da região contra 41% dos católicos. Os dois grupos estavam no limite do empate técnico.

Na opinião de muitos estudiosos, o quadro religioso atual configura um “mercado de bens simbólicos”. Ronaldo de Almeida, do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), apesar de não gostar do termo 'mercado', admite que há concorrência entre igrejas que, setorizadas, buscam atender às mais diversificadas necessidades dos fiéis: “Quando preciso de uma fala libertadora vou na Universal; de uma reflexão forte, na Batista; de louvor, na Renascer em Cristo’. O que ocorre é uma espécie de calibragem de acordo com as opções que têm”, exemplifica Almeida.

Motivo comum entre os evangélicos para justificar a escolha de uma igreja pentecostal em detrimento de outra seriam os “costumes”, tais como a flexibilidade em relação às roupas e aos hábitos. Mas o tema “costumes” é polêmico entre os religiosos. A Assembléia de Deus, por exemplo, é muito rigorosa com seus hábitos. As mulheres devem usar saias abaixo do joelho e os homens mangas compridas, de preferência paletó. Mas o pastor Edinaldo, de uma dissidência da Assembléia de Deus, discorda desses padrões tão rigorosos. Ele afirma que “Quando um homem de paletó olhar para um joelho vai ficar excitado, porque o proibido é mais gostoso”. Tal como outros pastores pentecostais, ele defendeu métodos contraceptivos e diz que trata abertamente de sexo nos cultos. Alguns padres de Nova Iguaçu relataram as angústias de pessoas que usavam contraceptivos e admitiram que certos dogmas afastam a população da Igreja. Coerente com a 'Teologia da Prosperidade', A Universal do Reino de Deus promove laqueadura das trompas e estimula o uso do preservativo. Segundo a estudante Maria Rocha, ex-católica, “os pastores (da Universal) não ficam embromando, como os padres. Hoje uma menina tem relação aos 12 anos. Ela poderá não ter uma vida prazerosa depois, mas, quando aceitar Jesus, pelo menos não vai ter uma Aids para carregar”.

O sociólogo Antônio Flávio Pierucci, professor da USP, expõe sua opinião em retransmissão intitulada 'É fácil ser católico'. Ele diz que “o barato” de ser católico reside no fato de ser uma religião que não precisa ser seguida à risca. Contudo, nisso reside a força e a fraqueza do catolicismo. A Igreja Católica exige muitíssimo de uns poucos (monges, freiras, bispos e padres) e bem pouco de muitos. Sendo o Brasil um país tradicionalmente católico, é possível fazer a opção do praticante e do não praticante. Segundo o professor, essa possibilidade tem fundamentação teológica nos primórdios do cristianismo constantiniano, quando se procurou definir de uma vez por todas o “credo” cristão rezado até hoje nas missas. Dentre os artigos da fé elaborados, o que mais se identifica com os católicos é “creio na comunhão dos santos”, que quer dizer que os católicos são membros da mesma comunidade a que pertencem as almas no purgatório e os santos do céu, onde todos compartilham os mesmos méritos e benefícios pelo conjunto dessa imensa

“comunhão invisível”, onde os que contribuem menos se beneficiam dos que contribuem mais.

Dados estatísticos do Datafolha completam a reportagem. Entre os católicos, a freqüência à Igreja é de 94%; entre os pentecostais, 98% e entre os evangélicos não pentecostais, 99%. O maior percentual dos que contribuem financeiramente com sua religião é dos que ganham até dois salários mínimos, perfazendo 80%. Os católicos contribuintes somam 75%; os pentecostais, 89% e os não pentecostais, 87%. Quanto ao costume de orar ou rezar, o maior percentual é dos evangélicos pentecostais: 80%, sendo que 70% oram diariamente. Entre os motivos que levam a ir à igreja o maior é gostar de rezar (21%), seguido pelo fato de sentir-se bem, feliz e em paz (19%); pedir graça (13%); escutar a palavra (12%); cultuar e servir a Deus (10%) e agradecer. Nove por cento alegaram outros motivos. A mudança de hábitos por causa da religião entre os católicos é de 3%. Já entre pentecostais é de 24% e entre os não pentecostais de 21%¹⁰.

A reportagem “O poder da fé: Igreja pentecostal muda vida de 54% dos fiéis”, de Laura Capriglione, discute as mudanças dos hábitos e costumes dos fiéis em função das religiões. Cinquenta e quatro por cento dos pentecostais afirmam ter mudado algum hábito por causa de sua religião. Já entre os católicos a incidência de mudanças comportamentais é de apenas 9%. Segundo o sociólogo Ricardo Mariano, entrevistado para a matéria, “isso ocorre porque as igrejas evangélicas

¹⁰ Em matéria publicada no caderno Cotidiano, do jornal Folha de S. Paulo do dia 18/03/07, “No divórcio, Igreja mais perdoa que condena”, foi divulgado que a Igreja Católica, mais especificamente a Arquidiocese de São Paulo, aceita pedidos de anulação de casamento e que 90% deles são anulados. O Papa João Paulo 2º, em 1981, escreveu uma carta sobre o assunto. Nela, ele disse: “a Igreja se opõe à separação, mas não pode discriminar os divorciados e deve arrumar meios de acolhê-los”. Essa afirmação reforça a idéia de que, para não perder fiéis, a Igreja cria formas de acolher “pecadores”, mesmo que oficialmente seja contra certos costumes. Para o Papa Bento 16, o divórcio é uma “praga contemporânea”. Na matéria o advogado Rodrigo da Cunha Pereira afirma que o discurso do Papa Bento 16 está na “contramão” do conhecimento contemporâneo. O advogado acredita ser inaceitável a tentativa de dificultar a separação dos casais e critica também a interferência do Estado na vida privada. Para Pereira, a Igreja hoje deveria repensar algumas normas feitas sem considerar o desejo humano.

abrigam convertidos. Uma coisa é nascer católico, outra é converter-se evangélico”. A conversão evangélica é sintetizada pelo 'nascer de novo', deixar a vida anterior, o que, para o sociólogo “tem apelo incrível sobre presidiário, prostituta, quem vive em área devastada.”

Além disso, como grupo minoritário, dividido em várias denominações, os evangélicos acabam tendo um controle mais eficaz sobre seus seguidores. Para o filósofo Roberto Romano a diferença capital entre católicos e evangélicos começa pela confissão auricular dos católicos enquanto os evangélicos fazem confissão pública, dando 'testemunho da fé'. Os evangélicos ficam cientes dos problemas uns dos outros e a comunidade ajuda a controlar o comportamento desviante, envolve-se na salvação alheia e ainda oferece uma rede de sociabilidade a quem a perdeu. Segundo Romano “o protestante é o monge interiorizado. Enquanto o monge católico é apartado do mundo e submetido pela ordem religiosa de uma vida regrada, para os protestantes (até os evangélicos pentecostais), o monge não está separado do mundo, está na cabeça do fiel”.

Romano evidencia outras diferenças na organização burocrática e arquitetônica das igrejas. As igrejas católicas têm escadarias para evidenciar a hierarquia cósmica, elevando-se do rés-do-chão, onde fica o povo, em direção à pureza do clero e de Deus. A maioria dos templos evangélicos apresenta-se ao rés-do-chão, simbolizando a igualdade de todos diante de Deus. Os horários das missas são fixados na porta da sacristia, os padres fecham as igrejas e tiram folgas. A Igreja Evangélica está sempre aberta, há obreiros na calçada e no templo convidando para entrar. Se o pastor fica de folga, existem pastores auxiliares que o substituem.

A reportagem aborda também alguns itens do documento feito pelo Papa Bento XVI 'Sacramentum Caritatis' (Sacramento do Amor) e a opinião de católicos e evangélicos a respeito dos temas nele tratados. A idéia de que o segundo casamento é 'praga do ambiente social' não encontra respaldo entre os católicos, já que 74% dizem ser favoráveis ao divórcio. Entre os evangélicos, o índice é de 59%. Quanto à afirmação de que o uso de preservativos favorece a promiscuidade por

contrariar a idéia que o sexo deve ser praticado só com o fim reprodutivo, 94% dos católicos apóiam o uso da camisinha, superando os evangélicos, cujos líderes, em sua maioria, são favoráveis ao uso de proteção. Quanto a considerar a união civil de pessoas do mesmo sexo como 'aberração', entre os católicos 46% disseram ser favoráveis a esse tipo de união. Os evangélicos mantêm cursos para 'a cura' da homossexualidade e só 22% disseram ser favoráveis a ela.

A matéria “Bento 16 supera rejeição inicial de religiosos”, de Rafael Cariello, conta que a escolha do papa alemão gerou preocupação entre os religiosos brasileiros, sobretudo os defensores do engajamento social e político católico. Para o autor da matéria, eles temiam que o novo papa “voltasse suas baterias” contra a experiência da Teologia da Libertação na América Latina. Porém, alguns bispos, padres e leigos mostraram-se otimistas quanto ao incentivo ao papel social da Igreja na região em sua visita ao Brasil e à iniciativa de diálogo inter-religioso, já que o papa iria se encontrar com representantes de outras religiões. A decepção com a escolha do papa, por parte de alguns religiosos, estaria ligada ao fato de que ele parecia mais inclinado a preservar a tradição, expresso no embate com Leonardo Boff nos anos de 1980.

A reportagem “Brasileiros defendem padres engajados”, de Leandro Beguoci, conta histórias de religiosos que apóiam causas sociais e participam da política. O pároco de Ermelindo Matarazzo (SP), Antonio Luiz Marchioni, conhecido como padre Ticão, por exemplo, já apoiou greves de bóias frias, de professores, entre outras categorias, além de se declarar um “fundador decepcionado” do PT e admirador do tucano Mário Covas. A pesquisa do Datafolha mostrou que 63% dos brasileiros eram contra padres que defendiam posições político-partidárias. Porém, 81% queriam vê-los em entidades de defesa dos direitos humanos. A pesquisa mostrou ainda que os evangélicos apoiavam menos a atuação social dos padres que a média da população. No entanto, seus pastores praticavam maior liberdade de costumes: a Igreja Universal, por exemplo, havia divulgado a distribuição de camisinhas.

Porém, o mesmo padre Ticão, apesar participar de greves e outras manifestações políticas, quando questionado sobre o uso de preservativo, se esquivou de emitir sua opinião sobre o assunto, provavelmente para evitar entrar em conflito com a posição tradicional da Igreja Católica. Disse apenas que cada um deve seguir a sua consciência.

Apesar das diferentes religiões praticadas no Brasil, a matéria “Todos os santos: Nossa Senhora Aparecida é a preferida” revela que a devoção aos santos não é exclusividade do catolicismo. Até entre os que se declaram sem religião há os que praticam essa devoção. Os santos preferidos da população brasileira são Nossa Senhora Aparecida (18%), Santo Antônio (5%) e Santo Expedito (5%). A repórter Daniela Tófoli mostra que a maioria das imagens de santos vendidas no Brasil é proveniente da China, que não deixa espaço para a concorrência, em função dos baixos preços praticados pelo país asiático. O apreço dos brasileiros pelos santos acarreta dificuldades como no caso dos processos de canonização, tal como afirma a irmã Célia Candorim, postuladora de alguns desses processos. Ela diz que, ao pedirem a mesma graça para vários santos simultaneamente, fica difícil atribuir a responsabilidade exata da graça concedida, o que é necessário para a contabilização dos milagres dos candidatos à santidade.

A crença nos santos praticada por adeptos de diferentes religiões no Brasil aponta para o intenso sincretismo local. Reginaldo Prandi mostra que isso aproxima as religiões em termos de linguagem e reforça sua eficácia mágica, na medida em que tomam elementos emprestados de outras crenças. As religiões afro-brasileiras são as que mais se aproximam de outras religiões e os evangélicos pentecostais são os mais reticentes à prática.

Na última matéria do caderno, “A força dos estereótipos”, o preconceito religioso é o tema central. As idéias de que “umbanda é coisa do demônio”, “judeus só pensam em dinheiro”, “católicos não praticam sua religião”, “muçulmanos defendem o terrorismo”, e “evangélicos são enganados por seus pastores” foram as que alcançaram maiores índices de concordância na pesquisa do Datafolha. O escritor

Moacyr Scliar, judeu, o publicitário Nizam Guanaes, candomblecista, e os repórteres Ricardo Bonalume Neto e Valdo Cruz, ateu, e espíritas, respectivamente, deram seus depoimentos acerca de sua condição religiosa e dos preconceitos a ela ligados.

A relação entre mídia e religião é, na atualidade, bastante complexa, marcada pela apropriação recíproca de conteúdos simbólicos e *modus operandi*. Isso faz com que se torne difícil estudar comunicação de massa, sem levar em conta a presença dos grupos religiosos na mídia, assim como pensar em religião, sem considerar sua relação com a comunicação. Se o interesse acadêmico pende para o primeiro aspecto – a mídia religiosa-, o tratamento dado pela mídia laica à religião deve ter espaço nas reflexões dos que buscam entender a sociedade contemporânea, na qual a mídia é um elemento transversal geral na sociedade e a religião continua sendo um elemento de peso na formação de condutas.

Se as instituições religiosas incorporaram o uso da mídia, a religião está hoje distribuída na mídia laica, onde procura se inserir e disputar espaço com outros conteúdos simbólicos em busca de adesões e interesses na sociedade. A mídia estimula assim reposicionamento e reflexividade de indivíduos e instituições religiosas.

Pela divulgação da informação sobre religião, a mídia secular, em princípio, evoca sua tradição racionalista e humanista. Desse modo, os conteúdos divulgados sobre o tema nos cadernos analisados e a forma de tratamento a eles dispensado, remetem ao paradigma da secularização. A cobertura feita pela Folha de S. Paulo revelou e reforçou majoritariamente os referenciais da secularização, na medida em que deu amplo espaço às análises científicas do fenômeno religioso, pela submissão dos temas selecionados à crítica especializada. O desvelamento do cenário religioso atual feito pelo jornal, que buscou abarcar as mais importantes religiões, apontou para as perdas sofridas pelas religiões tradicionais; para a ascensão de novas crenças; para a ocorrência das disputas mundanas pela afirmação de identidades e valores religiosos, assim como pela adesão/manutenção de fiéis num cenário concorrencial; para as maneiras pelas quais os fiéis lidam com

isso. Esses aspectos foram acompanhados e organizados por análises de especialistas, fundamentadas por vezes pelos dados estatísticos, oriundos de pesquisas produzidas pelo Grupo Folha. Tudo isso, condensado e organizado nas páginas da Folha de S. Paulo, criou um referencial para a ação social, no qual constam contradições entre a teoria e a prática religiosa, a liberdade e mobilidade dos fiéis diante dos dogmas religiosos e a debilidade do discurso religioso em todas as denominações, incapazes de satisfazer isoladamente as necessidades dos fiéis. Somam-se a isso informações sobre o pragmatismo institucional e as estratégias adotadas para a atração e manutenção de fiéis nas diferentes religiões.

As reportagens analisadas, além de tratar da configuração atual do campo religioso, levando em conta a diversidade religiosa, constituem uma fonte crítica sobre o tema. A religião foi abordada de modo a salientar suas principais características na modernidade, mostrando as diferentes visões sobre o fenômeno: a dos guardiões dos preceitos religiosos, individualmente ou como representantes institucionais, a dos especialistas no assunto e a dos fiéis.

Pode-se considerar que nos cadernos considerados, a Folha de São Paulo se posicionou efetivamente como instituição leiga, não comprometida com instituições religiosas; o tratamento dado ao tema religião pode ser visto como vinculado ao interesse da democracia e ao ambiente de discussões racionalizadas. Sendo assim, cumpriu seu papel em apresentar um tema importante socialmente e, ao mesmo tempo, colocá-lo sob uma perspectiva crítica. As interpretações dos repórteres sobre os diferentes aspectos que abordam as religiões ocorreram independentemente de dogmas ou crenças religiosas. Valores ligados às instituições religiosas foram expostos pelas palavras dos seus representantes religiosos oficiais e fiéis, ao lado de visões críticas dos especialistas, apresentando argumentações do campo da ciência e estatísticas sobre a realidade religiosa no Brasil. Com isso, o veículo analisado criou um espaço para o confronto dos valores tradicionais e a racionalização do mundo moderno.

Desse modo, a cobertura do tema religião pela a Folha de São Paulo nos cadernos considerados, atendeu, em linhas gerais, aos princípios editoriais assumidos, sobretudo no que tange ao jornalismo crítico e à independência

Referências

AGUIAR, Helvânia Ferreira. *Deus está nas bancas: uma abordagem sobre a religião na revista Superinteressante*. Ciência & Comunicação, revista digital. Volume 3, nº 5, dezembro de 2006.

http://www.jornalismocientifico.com.br/rev_artigos5.htm, acesso em 17 de maio de 2007.

CORNWELL, John. *Quebra de fé*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernização Reflexiva- Política, Tradição e Estética na ordem social moderna*. Editora Unesp – 1997

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa, II*. Madri: Taurus Humanidades, 1992.

LAGRÉE, Michel. *Religião e tecnologia*. Bauru: Edusc, 2002.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

THOMPSON, J. R. *A mídia e a modernidade*. Uma teoria social da mídia. Vozes, Petrópolis, 1938.